

O assassinato de doze crianças em uma escola de Realengo, na zona Oeste do Rio de Janeiro por Wellington Menezes de Oliveira causou uma grande comoção na sociedade. Tido como um "atentado de serial killer americano à moda brasileira", o crime foi noticiado à exaustão pelos meios de comunicação, tanto no Brasil quanto em outros países, e como geralmente ocorre com este tipo de caso, o sensacionalismo da cobertura midiática foi grande, esmiuçando cada aspecto da tragédia, transformando o ocorrido em um drama policial, ao invés de usar o crime como gancho para refletir a estrutura social esquizofrênica em que vivemos.

A necessidade de procurar alguma justificativa para um crime como este acabou levando à difusão de preconceitos. Muitas matérias apontaram que a causa principal de Wellington ter ficado louco foi uma suposta conexão com o islamismo, o que não era verdade, dando a entender que o islã é simplesmente uma religião de assassinos e terroristas. Outra justificativa, um pouco mais racional, é a de que a esquizofrenia e solidão de Wellington foi o motivo do crime. No entanto, a cobertura da imprensa manteve uma visão preconceituosa de Wellington: é fácil culpar o indivíduo.

Ao dizer que ele é um "louco", um "monstro" sem qualquer humanidade, e não olhar para a sociedade na qual ele está inserido, a cobertura presta um desserviço à sociedade. Afinal de contas, o ser humano é o único ser que mata sem necessidade, então, ao invés de monstruoso, um crime como o de Realengo é, por mais trágico que possa parecer, essencialmente humano. Considerando que a nossa sociedade grita por violência, que vivemos em uma constante competição pelo melhor emprego, por mais status e reconhecimento ou até mesmo pela melhor vaga no estacionamento; que somos obrigados socialmente a buscar sempre o prazer constante, e é para isso que estamos sempre ganhando mais dinheiro. Em uma sociedade assim mais cedo ou mais tarde alguém vai estourar.

A lógica de que precisamos adquirir produtos de última geração faz com que o supérfluo de antes se torne extremamente o necessário de hoje, e fazemos de tudo para comprá-los, nem que isso acarrete em dívidas enormes ou financiamentos que vão levar anos para serem pagos, simplesmente para garantir uma felicidade ilusória. E se não conseguimos o que queremos, nos sentimos frustrados e vazios. É no mínimo hipócrita, considerando a paranóia diária em que vivemos, dizer que apenas pessoas "loucas", são propícias a cometer este tipo de crime; todos nós temos essa mesma capacidade destrutiva, embora não queiramos admitir, pois somos seres humanos e vivemos no mesmo tecido social que propicia a violência e nos incita a ser hostis com outras pessoas a todo momento.

A mídia não apenas ignora que vivemos em uma sociedade que anseia e resolve todos os seus

O MONSTRO MIDIÁTICO

Tragédia evidencia sensacionalismo na cobertura da imprensa



Reprodução: Cantigas sem palavras - Alex Delsin



Reprodução

problemas por meio da violência, como é parte integrante disto. Casos como o de Eliza Samúdio, assassinada no ano passado por Bruno, então goleiro do Flamengo, ou o da menina Isabela também receberam cobertura exaustiva dos meios de comunicação; a mais recente invasão do exército no Complexo do Alemão, que sob a bandeira do combate ao tráfico de drogas tratou uma comunidade inteira como bandidos, e tudo que se ouviu na grande imprensa foi o ótimo trabalho das Forças Armadas em restaurar a paz nos morros do Rio. Esses acontecimentos violentos, ao serem tratados de forma superficial, acabam criando um imaginário social mais violento ainda.

A imprensa, ao noticiar a violência utilizando-se da própria violência (no caso de Realengo, fotos de Wellington morto na escadaria e da sala de aula ensanguentada foram amplamente divulgadas) apenas ajuda a criar um estado permanente de pânico, no qual todos, até mesmo crianças, são assassinos em potencial. Após a tragédia, as escolas do Rio já estão reforçando as

medidas de segurança, implantando o uso de crachás para visitantes e câmeras de vigilância.

Parte do problema da cobertura da mídia em casos como esse é o imediatismo. Se não houver uma notícia nova a cada minuto para deixar a audiência ligada, o ouvinte ou espectador vai procurar outra fonte de informação, que tenha o que ele deseja saber. Isso cria, além da competição natural entre emissoras em conseguir o "grande furo" antes da outra, um volume gigantesco de informação, que acaba em grande parte sendo inútil para uma compreensão e reflexão do caso que realmente seja profunda. As transmissões ao vivo, o cerco feito pela imprensa na escola, as entrevistas com familiares das vítimas e de Wellington, tudo isso acaba servindo apenas para satisfazer uma curiosidade mórbida das pessoas e angariar mais audiência para os programas.

A reflexão aprofundada que seria algo de interesse público, desta forma, perde espaço para o mero espetáculo. Para que utilizar o fato como tema de debate social, se é possível ficar andando em círculos, meramente esmiuçando a vida das famílias que sofreram quanto a de Wellington, se isto dá audiência? E é realmente relevante para a sociedade brasileira ser bombardeada pelas mesmas notícias o tempo todo? Não há outras coisas acontecendo no mundo que merecem atenção?

A cobertura de casos violentos pela imprensa sempre acaba caindo no sensacionalismo e na simplicidade, e com a tragédia em Realengo não foi diferente: Ao invés de encarar a violência como um problema social, individualizou-se a questão de forma a transformar o que aconteceu em um drama policial, no qual todos nós assistimos e imploramos por um biz. E do jeito que a imprensa retroalimenta e infla a violência, isso não vai demorar a acontecer.